

Estudos indicam que jovens, pessoas mais pobres, gays e travestis têm uma suscetibilidade maior ao tabagismo. Especialistas defendem que as campanhas contra o cigarro levem em conta essa fragilidade

Os mais frágeis fumantes

» ISABELA DE OLIVEIRA

Há no planeta um esforço grande contra o tabagismo. Hoje, por exemplo, autoridades de saúde, a sociedade civil organizada e outros profissionais da área se dedicam a atividades que marquem o Dia Mundial sem Tabaco. Ainda assim, há grupos mais expostos ao cigarro, conforme pesquisas. Homossexuais, adolescentes e os mais pobres fazem parte da lista, que, segundo especialistas, deve funcionar como um sinal de que os governos precisam adotar medidas mais eficientes e direcionadas a esse público.

Levantamentos norte-americanos indicam que a quantidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT) que fumam é duas vezes maior que a população geral. A Pesquisa Nacional de Tabagismo entre Adultos dos EUA aponta que a prevalência do vício nesse público é de 32,8%, enquanto 19,5% dos heterossexuais fumam. A instituição atribui a maior incidência do problema ao estresse e ao estigma que o grupo enfrenta no dia a dia, além da agressiva campanha de marketing da indústria do cigarro.

Os EUA publicaram o primeiro relatório oficial sobre tabagismo entre homossexuais em 2001 e, desde então, uma série de pesquisas têm se dedicado a descobrir estatísticas e razões da vulnerabilidade. Os dados permitiram que organizações independentes, como a Rede de Igualdade na Saúde LGBT (Network for LGBT Health Equity), estimassem que os gastos dessa comunidade com os maços giram em torno dos US\$ 7,9 milhões anuais, valor 65 vezes maior que o investido em instituições que defendem os direitos do grupo.

Um estudo publicado no início deste mês no periódico *Journal of Adolescent Health* mostra que o tabagismo é uma espécie de automedicação para quem se enquadra como LGBT. Os pesquisadores da Escola de Medicina Feinberg, da universidade alemã Northwestern, descreveram algumas diferenças demográficas dessa população em relação ao cigarro e como variáveis psicossociais influenciam o vício entre jovens LGBT. A pesquisa feita com 228 pessoas com 16 a 20 anos, de diferentes etnias, foi a fundo na relação da vitimização com o tabaco.

Michael Newcomb, principal autor do trabalho, descobriu que as dificuldades

» Palavra de especialista

Várias barreiras

“O tratamento do Sistema Único de Saúde (SUS) não faz diferenciação conforme a sexualidade do paciente. Por isso, não temos dados sobre o percentual de homossexuais que fumam. No nosso grupo, atendemos mais de 900 pessoas em três anos, um total de 7,5 mil consultas. Mas só 30% têm ensino superior. A baixa educação e a penetração de informação sobre os malefícios do tabagismo são consequência da maior taxa do vício no outro grupo. As nossas barreiras, como profissionais de saúde, também existem. Em 2012, o Ministério da Saúde gastou R\$ 33 milhões com remédios para combater o tabagismo, mas o Brasil tem 33 milhões de fumantes. Isso significa que o SUS investiu apenas R\$ 1 por fumante. É muito pouco.”

Eliane de Fatima Duarte, coordenadora do Programa de Controle do Tabagismo do Hospital Universitário de Brasília

sociais de assumir a própria sexualidade estão fortemente correlacionadas com o hábito de fumar, mas que uma forte rede social pode reverter essa situação e até mesmo prevenir que o jovem se envolva com o tabaco. “Prestar mais atenção nos diferentes impactos psicossociais pode reduzir tanto a iniciação quanto a regularidade do tabagismo ao longo do tempo”, diz o pesquisador.

Newcomb destaca que o apoio social é mais frutífero quando parte dos familiares. Isso porque, segundo ele, os relacionamentos românticos costumam ser breves durante os primeiros anos da vida adulta, o que pode fazer com que as decepções amorosas provoquem um aumento na quantidade de cigarros fumados durante o dia. Além disso, como o vício prevalece nesse grupo, dificilmente o jovem encontrará amigos e colegas que não fumam, tornando o tabagismo um círculo vicioso.

“Os adolescentes tendem a fumar mais quando seus amigos também fumam. Por isso, acredito que o apoio familiar pode oferecer grandes contribuições na luta contra o tabaco”, diz o especialista. Ele frisa que a diferença entre homens e mulheres não é discrepante, mas que os garotos são os maiores

consumidores do produto. Entretanto, isso ocorre apenas nos primeiros anos da vida adulta. Uma reviravolta acontece quando estão mais velhos: eles abandonam o cigarro e elas passam a fumar com maior frequência.

Cenário nacional

Não há pesquisa acadêmica ou levantamento oficial que indique qual percentual de brasileiros LGBT é fumante. Portanto, especialistas daqui não conseguem indicar se é possível transferir os dados obtidos por equipes estrangeiras para cá, mas acreditam que os motivos que tornam esse público mais sensível são os mesmos. “É possível supor que esse segmento da população esteja mais exposto ao fumo em ambientes de socialização, como bares e boates, em que o consumo de cigarros tende a ser mais alto. Mesmo assim, ao fazer a inferência para o Brasil, deve-se levar em conta que há aqui a proibição do fumo em ambientes fechados”, pondera Cristina Maria Rabelais, professora da Faculdade de Medicina de Petrópolis (RJ) e especialista em saúde coletiva.

O que se pode garantir no Brasil hoje é que a maior parte dos fumantes está nas classes em que a renda e a escolaridade são menores. Cristina Maria descreve que, segundo a Pesquisa Especial de Tabagismo (PETab), 96% dos entrevistados sabiam que fumar causava danos à saúde e 91% estavam conscientes de que a fumaça do cigarro prejudica também os não fumantes. Desses, 65% pensaram em parar após ter visto as fotos e as advertências nos maços.

Os resultados não indicaram diferenças de escolaridade entre as pessoas que perceberam a veiculação de propagandas sobre controle do tabaco no rádio. Cristina Maria sublinha que as que tinham mais anos de estudo apresentaram mais sensibilidade para as propagandas veiculadas na televisão. Os jovens perceberam menos informações pelo rádio do que os indivíduos acima de 24 anos (24,3% contra 32,1%), ao passo que, na televisão, não se observou grande diferença entre as idades (62,9% contra 64,2%). “Esses resultados apontam para a necessidade de se adaptar a linguagem e os veículos comunicacionais utilizados para cada população com ênfase nos jovens, que são mais vulneráveis e o principal alvo da propaganda da indústria do fumo”, alerta a médica.

Uma doença pediátrica

Após um ação judicial em 1998, 6 milhões de documentos sigilosos de sete empresas que vendiam cigarro nos EUA foram a público. Os papéis revelaram partes das movimentações financeiras colossais e a informação de que crianças e jovens eram “reservas de reabastecimento” do setor, entre outros dados. Em 1987, um executivo da Philip Morris escreveu, em um memorando, que o aumento no valor dos maços em 1982 e 1983 fez com que 2 milhões de adultos parassem de fumar e impediu que 600 mil adolescentes comessem em todo o país.

Segundo os cálculos do empresário, a fatia que correspondia à empresa em que ele trabalhava — 700 mil adultos que abandonaram o cigarro e

420 jovens que nunca fumaram — gerou incontáveis prejuízos financeiros. A partir de então, as estratégias de publicidade das empresas têm mirado em públicos específicos, como adolescentes, mulheres e homossexuais, que compram a ideia de que o consumo do cigarro light é menos prejudicial à saúde. Pior do que isso: emagrece.

No Brasil, levantamentos do Ministério da Saúde demonstram que 75% dos fumantes têm o primeiro contato com o cigarro até os 18 anos e 67% começam a fumar regularmente a partir dessa idade ou menos. De uma forma geral, nos países emergentes, a iniciação ao fumo se dá por volta dos 12 anos, o que faz com que o tabagismo seja considerado uma doença pediátrica.

E a ligação com o cigarro começa bem antes. Ao investigar 2.423 crianças com 5 e 6 anos no Brasil, na China, na Índia, na Nigéria, no Paquistão e na Rússia, pesquisadores da Escola de Medicina Johns Hopkins Bloomberg (EUA) descobriram que elas sabiam associar as logomarcas ao produtos. As pesquisadoras Dina Borzekowski e Joanna Cohen notaram que 68% dos pequenos identificaram pelo menos uma das oito marcas usadas no estudo. As menores taxas de associação da logo ao maço foram verificadas na Rússia (50%) e as maiores na China (86%). Cerca de 60% das crianças brasileiras sabiam determinar os logotipos, especialmente as que viviam em áreas urbanas. (IO)



Vulneráveis

Pesquisas indicam quais são os grupos mais suscetíveis ao vício em tabaco

LGBT



A Sociedade Americana de Câncer estima que 30 mil homossexuais morrem por doenças relacionadas ao tabaco anualmente nos EUA



A comunidade LGBT gasta US\$ 7,9 milhões por ano em cigarro, valor 65 vezes maior do que os investimentos em fundos para organizações que defendem os direitos dos gays



O número de lésbicas que fumam é praticamente o dobro das demais fumantes



Segundo o Centro de Controle de Doenças dos EUA, de 20% a 48% de estudantes LGBT do ensino médio já fumaram. O percentual é de 8% a 20% entre heterossexuais da mesma idade

BAIXA RENDA



Dos 100 mil jovens que começam a fumar diariamente, 80% são de países em desenvolvimento



No Brasil, indivíduos com pouca escolaridade têm cinco vezes mais chances de se tornar fumante do que aqueles com nível universitário



As despesas mensais com cigarros consomem 13,1% do rendimento médio de quem tem menos de oito anos de escolaridade. O grupo que estudou entre oito e 11 anos gasta 9,8% da renda. Quem ficou mais de 15 anos estudando, 5,4%



Um estudo norte-americano indica que pelo menos 73% dos moradores de rua fumam, sendo que apenas 9% deles conseguem abandonar o vício

ADOLESCENTES



A proporção aumenta com a idade: 16% dos alunos de até 13 anos experimentaram o tabaco, enquanto 41% dos que têm pelo menos 16 anos relatam a experiência



6,3% dos estudantes com menos de 16 anos fumam regularmente. O índice sobe para 14,4% entre jovens acima desta idade. 49,3% dos alunos relatam que o contato com o produto se deu até os 12 anos



Jovens fumantes consomem três vezes mais álcool, oito vezes mais maconha e 22 vezes mais cocaína. Eles também apresentam maior risco de não usar camisinha na relação sexual

Fontes: Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (Inca), Aliança de Controle ao Tabagismo, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA, Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA, CenterLink's Network for LGBT Health Equity (EUA) e Organização Crush de Defesa LGBT (EUA)

Anderson Araújo/CB/D.A Press